

O LINGUISTA E O INCONSCIENTE

LE LINGUISTE ET L'INCONSCIENT

Valdir do Nascimento Flores¹

Para Claudine Normand, in memoriam.

Resumo: Este texto busca avaliar as relações entre a linguística e a psicanálise a partir de um ponto de vista muito específico: a obra da linguista francesa Claudine Normand. Inicialmente, são apresentadas as ideias da linguista presentes em vários trabalhos, em seguida faz-se uma proposta de entendimento desse conjunto de ideias com vistas ao deslocamento do assunto do âmbito disciplinar – linguística e psicanálise – para o âmbito dos efeitos da admissão, para o linguista, da hipótese do inconsciente e de sua incidência no fazer do linguista.

Palavras-chave: Linguística. Psicanálise. Linguista. Inconsciente.

Resumé: Ce texte cherche à évaluer la relation entre linguistique et psychanalyse d'un point de vue bien précis : l'œuvre de la linguiste française Claudine Normand. Dans un premier temps, les idées du linguiste présentes dans plusieurs ouvrages sont présentées, puis une proposition est faite pour comprendre cet ensemble d'idées en vue de déplacer le sujet du champ disciplinaire - linguistique et psychanalyse - au champ des effets d'admission, au linguiste, l'hypothèse de l'inconscient et son impact sur le travail du linguiste.

Mots-clés: Linguistique. Psychanalyse. Linguiste. Inconscient.

Dos antecedentes da questão

O ponto de partida para este texto é a obra da linguista francesa Claudine Normand (1934-2011). Eu² a conheci e tive a oportunidade de ser dirigido³ por ela em um período bastante importante de minha formação. Devo à sua orientação generosa muito do que se apresentou para mim como uma evidência das relações entre a linguística e a psicanálise as quais, hoje em dia, prefiro circunscrever menos no eixo disciplinar – *da linguística com a psicanálise* – e mais no eixo do sujeito falante – *da relação do linguista com o fato de que há inconsciente*, o que já é, de certa forma, anunciado no título deste artigo.

A obra de Claudine Normand é de grande envergadura e seu impacto no âmbito da história e da epistemologia da linguística (campo que ela ajudou a criar e a consolidar na França), da reflexão sobre o sentido na linguagem, das relações da linguística com outras áreas dos estudos da linguagem em geral (filosofia, lógica, gramática etc.) é incomensurável. É nesse último âmbito que podemos situar uma de suas maiores contribuições, pois, nele, vemos se desenvolver uma teorização bastante original no que tange à relação entre a linguística e a psicanálise. Muitos são os trabalhos de Normand (cf. *Referências*) que

¹ Doutor em Linguística e professor titular de linguística e língua portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS. É bolsista PQ-CNPq.

² Conscientemente, o texto oscila entre o uso da primeira pessoa do singular e da primeira pessoa do plural. Os contextos de cada um desses usos devem ser suficientes para guiar o leitor em relação à compreensão esperada.

³ Eu estive sob sua direção nos anos 2008-2010, por ocasião da execução de dois estágios de pós-doutorado (Capes e CNPq). Este texto retoma um tal tempo e, espero, é espécie de homenagem póstuma à grande linguista Claudine Normand, cuja lucidez teórica nos tem feito falta na atualidade.

remontam à temática que gira em torno das relações (ou não) entre os dois campos. Vamos retomar alguns aqui.

Na conferência de abertura, pronunciada por ocasião do *Colloque international de Cerisy-La Salle*, ocorrido em setembro de 1998, e intitulado “Linguistique et psychanalyse”⁴ (cf. *Referências*), Normand apresenta uma reflexão cujo título, “Linguistique **et/ou** psychanalyse: de leur relation si elle existe” (grifamos) [Linguística e/ou psicanálise: de sua relação se ela existe], é, no mínimo, provocador.

A linguista, com esse título, marca um deslocamento importante entre o título do Colóquio – marcado por uma ligação aditiva simples “et” [e] – e a *eventualidade de uma disjunção*, “et/ou” [e/ou]: “da asserção, elíptica, mas sem reticência (existe uma ligação entre as duas), passa-se a uma interrogação mal camuflada a respeito de uma relação tornada problemática (‘se ela existe’)” (NORMAND, 2001, p. 17). Ora, ao passar da evidência à dúvida, a autora abre um debate que, acreditamos, ainda hoje perdura no campo dos estudos linguísticos e dos psicanalíticos. Ela avalia, enfim, três possibilidades que o título sugere: linguística **E**⁵ psicanálise; linguística **OU** psicanálise; linguística **E/OU** psicanálise.

Normand começa falando sobre o **E**. Para ela, não se trata, de início, de um mero conector lógico. Segundo ela, é preciso, antes, ver que, na conjunção linguística **E**, há uma espécie de ordem de prioridade que, por exemplo, conduz a dizer mais naturalmente “porta **E** janela” do que “janela **E** porta”; “ela canta dia **E** noite”, mas “ela chora noite **E** dia”⁶. Há também uma questão temporal implicada na relação estabelecida por **E**: “ir **E** vir”; “vida **E** morte”⁷. Essa relação temporal, embora não esteja ligada a nenhuma ordem natural das coisas, é reiterada tanto na linguagem ordinária quanto no discurso dos próprios especialistas, o que revela uma certa história (e historicidade) entre as disciplinas – “linguística **E** psicanálise”.

A partir da constatação de que Saussure e Freud não tiveram conhecimento da existência – ao menos, do ponto de vista teórico –, um do outro, Normand propõe lançar um olhar para os últimos trinta anos a partir dos anos 1960 na França, em especial, com Lacan. Propõe também que as expressões singulares “a linguística” e “a psicanálise” não sejam

⁴ Embora este não seja o primeiro trabalho de Claudine Normand a tratar das relações entre linguística e psicanálise, nós o consideramos uma espécie de trabalho basilar tanto em função da síntese que opera quanto da reiterada referência que a autora faz a ele em outros estudos como, por exemplo, em “Le langage de l’hystérie et le langage quotidien: une source commune?” (NORMAND, 2010).

⁵ Destacamos os operadores **E**, **OU** e **E/OU**, com grifo e maiúscula para facilitar a leitura metalinguística dos elementos. Esse recurso é utilizado pela própria Normand em seu texto.

⁶ Os exemplos são de Normand aqui traduzidos livremente. Em português Neves (2000, p. 739) registra casos bem semelhantes ao explicar que “uma relação aparentemente menos neutra entre os segmentos coordenados por **E** pode resultar da adição de segmentos que entre si mantêm uma relação semântica marcada”.

⁷ Em Neves (2000, p. 751), lê-se: “suspirou **E** morreu”, por exemplo.

interpretadas como *uma teoria unificada*, em cada caso. Há muitas psicanálises; muitas linguísticas.

Partindo da avaliação de alguns trabalhos (M. Pêcheux, C. Haroche, P. Henry, J. Kristeva⁸, entre outros) que, a essa época, evocam aspectos da linguística que colocam dificuldades para o estabelecimento de um discurso da ciência – a questão do sujeito, do sentido, as relações com o marxismo etc. –, e que justificariam o uso de **E** em “linguística **E** psicanálise”, Normand chega a uma avaliação mais recente (notadamente F. Rastier e S. Bouquet⁹) da comunidade linguística, que lhe permite indagar a respeito do significado que esse **E** teria na atualidade. E conclui: “o que havia suscitado a presença e garantia o conteúdo do **E** entre linguística e psicanálise (na França ao menos) parece, hoje em dia, caído no esquecimento para a maior parte da comunidade linguística” (NORMAND, 2001, p. 22). Questiona a linguista também: as palavras que são utilizadas em ambas as áreas (*sentido, sujeito, enunciação, linguagem* etc.) têm algo em comum ainda hoje, comparando-se o uso que tiveram nos anos 1970 e no final dos anos 1990? O que pode fazer um linguista com termos tão caros à teoria lacaniana como *lalíngua (lalangue), cristal da língua, falasser (parlêtre) significante* etc.? E finaliza Normand: “manter o **E** poderia ser uma forma de resistência passiva a essas mudanças, mas descartá-lo poderia não ser senão uma parcialidade de ignorância ou de renúncia” (NORMAND, 2001, p. 22).

Normand passa, então, a falar sobre o **OU**, “história de uma esperança e de sua decepção” (NORMAND, 2011, p. 22). A autora retoma os “encontros” – o recurso de Lacan aos “maiores” linguistas de seu tempo (Saussure, Jakobson e Benveniste, por exemplo) – e os “desencontros” – a surdez desses linguistas em relação à psicanálise, para considerar que os linguistas “nada escutam ou nada fazem com o que a psicanálise lhes diz da língua; eles não podem senão desconhecer ou recusar o ‘efeito de cristal’ de ‘lalíngua’ e se ignorar como falasser” (NORMAND, 2001, p. 23); a distância entre linguística e psicanálise parece posta, o que leva Lacan, na opinião de Normand, a recolher-se em sua “linguisteria”.

Normand indica o linguista J-C Milner como o *representante mais consequente* desse **OU** de disjunção entre os dois campos (cf. *O amor da língua*¹⁰); ela indica também a

⁸ Trata-se dos artigos publicados no número 24 da revista *Langages*, “La sémantique et la coupure saussurienne; langue, langage, discours” (cf. HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971) e “Du sujet en linguistique” (cf. KRISTEVA, 1971).

⁹ Trata-se do número 129 da revista *Langages*, sob a direção de Simon Bouquet, intitulado “Diversité de las (des) science(s) du langage aujourd’hui; figures, modèles e concepts épistémologiques” e, nele, do artigo de François Rastier “Le problème du contexte et le statu de l’interprétation dans les sciences du langage” (cf. RASTIER, 1998).

¹⁰ O livro *L’amour de la langue* foi publicado, originalmente, na França em 1978. Há tradução para o português do Brasil (cf. *Referências*).

psicanalista e semiótico Julia Kristeva¹¹ como quem compreende que a linguagem dos analistas não é a linguagem dos linguistas. Em ambos os autores, ela vê uma conclusão semelhante segundo a qual o “excesso”, o “exorbitante” da língua do qual fala a psicanálise, não tem acolhimento na escrita – de ambição científica – da linguística.

Se o linguista, por algum motivo que restaria estudar, se interessasse por esses “dados de impossível” da língua, ele não faria mais do que descrever as suas marcas, o que é passar ao largo do que interessou a Lacan quando evoca a distinção enunciado/enunciação. É Milner também quem autoriza Normand essa conclusão, quando o autor faz uma nota em um exemplo que dá sobre a distinção sujeito do enunciado/sujeito da enunciação: “nesse exemplo percebemos o quanto o sujeito da enunciação permite descrever uma regularidade, mas também vemos que nada lhe é suposto além de sua existência. Não há nada para saber daquilo que, dessa existência, faz um sujeito” (MILNER, 2012, p. 115).

Por fim, Normand comenta o **E/OU**, perspectiva, em certa medida, seguida por ela mesma em seus trabalhos. Segundo a linguista, a dupla **E/OU** deixa alguma margem para a escolha de um sujeito; quer dizer, é uma fórmula que descarta a exclusão, na medida em que mantém alguma margem de escolha.

Conforme Normand, seguir na direção do **E/OU** implica para o linguista renunciar a dois desejos: de um lado, a esperança de que a psicanálise forneceria uma teoria do sujeito falante; de outro lado, a garantia de produzir uma teorização que tenha lugar no interior da dita “ciência moderna”.

Isso posto, ela passa a explicar como vê esse operador **E/OU** no que diz respeito às relações entre linguística e psicanálise. O **E**, em primeiro lugar, permite supor que linguística e psicanálise podem aprender uma com a outra, na medida em que ambas estão em relação com a língua, em que a observação pode ser afetada pela escuta da fala, própria à “cura”, uma experiência singular de se escutar. Se “escutar a língua” é algo que pode ser útil a ambas as áreas, as escolhas do linguista e do psicanalista em relação a isso não são idênticas: para o primeiro, vale tentar tornar visível os mecanismos que permitem advir uma tal fala; para o segundo, vale ver o que essa fala, singularmente manifestada, diz de um “real”, também em sua singularidade. Eis, então, o **OU**. Ou seja, um **OU** que não exclui o **E**: “o ouvido analítico e o ouvido linguístico entram em jogo aqui alternativamente ou em conjunto. Do enunciado

¹¹ Trata-se do texto colocado como anexo ao *Dicionário enciclopédico de psicanálise*, “Psicanálise e linguística” (cf. KRISTEVA; RUDELIC-FERNANDEZ, 1996).

mais trivial pode surgir o **witz** que se transforma em dado de língua” (NORMAND, 2001, p. 28).

Nesse ponto de sua conferência, Normand fornece vários exemplos que ilustrariam esse **E/OU**, todos retirados de trabalhos seus que viriam a aparecer em *Bouts, brins, bribes. Petite grammaire du quotidien*¹² (2002, cf. *Referências*). Tomemos apenas um¹³: os usos do verbo *regretter* e suas duas possibilidades – dizer ou um desejo negativo, ou um positivo (todos os exemplos, a seguir, são de (NORMAND, 2002)).

Segundo ela (NORMAND, 2002, p. 35),

a expressão do *regret* [pesar, lamento, desgosto] comporta a negação, quer figure explicitamente no contexto ou esteja obscuramente implicada, como quando se diz: *je vous ai regretté hier soir* [eu senti falta de você ontem de noite]¹⁴ ou *quand j’entends Mireille Mathieu, je regrette Édith Piaf* [quando ouço Mireille Mathieu, tenho saudades de Édith Piaf].

Porém, se é relativamente fácil ver que *regretter* é um termo negativo, não é tão fácil ver como a negação se insere na frase com esse verbo, e não é tão fácil, também, ver qual o alcance dessa negação. Continuemos o raciocínio de Normand.

Se parafraseamos *Je regrette qu’il vienne* [Eu lamento que ele venha], podemos obter *Je voudrais qu’il ne vienne pas* [Eu gostaria que ele não viesse]. Se parafraseamos *Je regrette qu’il soit là* [Eu lamento que ele esteja aí], podemos obter *Je voudrais qu’il ne soit pas là* [Eu gostaria que ele não estivesse aí] ou *Je ne voudrais pas qu’il soit là* [Eu não gostaria que ele estivesse aí]. Em todos esses casos, “ele está aí”; trata-se de uma asserção sobre uma realidade desagradável.

No entanto, se parafraseamos *Je regrette Édith Piaf* [Eu tenho saudades de Édith Piaf], necessariamente teremos uma paráfrase positiva como *Je voudrais qu’elle soit là* [Eu gostaria que ela estivesse aqui].

Essas paráfrases levam a autora a questionar: “o verbo *regretter* significa, conforme o caso, *eu gostaria que e eu não gostaria que?*” (NORMAND, 2002, p. 36, grifamos).

Tomemos mais um exemplo: *Je ne regrette pas d’avoir vécu ça, mais je ne regrette pas cette époque* [Eu não lamento ter vivido isso, mas eu não tenho saudades dessa época].

¹² Essa obra recebeu duas edições na França, cada uma com particularidades próprias. A de 2002, utilizada neste momento, e a de 2010, que utilizaremos mais adiante. A segunda edição inclui um prefácio de Moustapha Safouan e quatro capítulos, entre os quais “Le langage de l’hystérie et le langage quotidien: une source commune?” ao qual remetermos adiante.

¹³ Para a apresentação em detalhe do exemplo, seguimos a *Petite grammaire* (2002).

¹⁴ Tentaremos fornecer uma tradução livre para todos os exemplos trazidos por Normand como forma de orientar o leitor.

O *mas* aparentemente está opondo duas ideias que, em princípio, não se opõem: *Je ne regrette pas A* é quase equivalente a *Je ne regrette pas B*, ambos designam algo como “uma parte da vida” (ter vivido; essa época). Porém, a oposição *ter vivido isso e essa época*, em uma conversa cotidiana, pode ser bastante clara e ter um sentido cuja paráfrase seria: *Eu estou satisfeito de ter vivido isso, mas eu não gostaria de (re)vivê-lo*. Nesse caso, *Je ne regrette pas* pode ser parafraseado com sentido positivo em *Eu estou satisfeito de ter vivido isso* e com sentido negativo em *mas eu não gostaria de (re)vivê-lo*.

A partir desse raciocínio, Normand chega a uma primeira conclusão que ela formula em termos de hipótese: “a diferença semântica, que pode ser percebida nos empregos de *regretter*, está estreitamente ligada a uma diferença estrutural: quando o complemento de *regretter* for uma proposição, o sentido é negativo; quando o complemento for um nome, o sentido é positivo” (NORMAND, 2002, p. 38-39). Observemos.

- *Je regrette que Pierre ait été désagréable, qu'il fasse mauvais, de travailler demain, d'être Arrivé trop tard, de devoir me taire ...* .

[Eu lamento (je regrette) que Pierre tenha sido desagradável; que ele fosse malvado; ter que trabalhar amanhã; ter chegado muito tarde; ter que me calar...].

Em todos os casos, qualquer que seja o tempo do verbo da completiva, *regretter* expõe aquilo que se poderia chamar de desejo orientado negativamente. Observe-se agora.

- *Je regrette cet homme infidèle, la Maison de mon enfance, ma vieille robe de chambre, Luis Mariano dans “La Belle de Cadix”...* .

[Eu tenho saudades (je regrette) deste homem infiel; da casa de minha infância; de meu velho roupão; de Luis Mariano em “La Belle de Cadix” ...].

Em todos esses casos, *regretter* expõe um desejo orientado positivamente.

Do ponto de vista da descrição linguística particular da língua, pode-se dizer que se confirma a hipótese. No entanto, Normand lembra que permanece o fato de que, em ambos os casos, “o desejo é contrariado, o que parece constituir um invariante semântico comum” (NORMAND, 2002, p. 39). É aqui que passamos do *ouvido linguístico* ao *ouvido analítico* e que vemos que de sua alternância algo pode advir.

A formalização/distribuição entre *regretter* + proposição = sentido negativo e *regretter* + complemento nominal = sentido positivo encontra vários percalços, e Normand os assinala com muito detalhamento. Tomaremos aqui apenas um: em *Je regrette ce temps perdu* [... esse tempo perdido], o desejo seria o de não ter perdido esse tempo ou de recomeçar a

perdê-lo? O que equivaleria à pergunta: *Eu lamento o tempo perdido* ou *Eu tenho saudades do tempo perdido*?

Ora, na opinião da autora, a análise não pode descartar, em nome de um formalismo logicista, outros elementos (a inserção em um contexto mais amplo do que a frase, a subjetividade, o tempo de referência, a modalidade etc.). E como levá-los em conta e, ainda assim, “propor algumas generalizações semânticas, conservando ao mesmo tempo um quadro formal?” (NORMAND, 2002, p. 43). Seguiremos de perto as respostas dadas por Claudine Normand.

Em primeiro lugar, é preciso aceitar, com Benveniste, que o uso de *regretter* supõe uma situação de enunciação e, portanto, a presença de um sujeito da enunciação (e de seus interlocutores, reais ou fictícios) que se dá via aparelho formal o qual, por sua vez, permite a esse sujeito marcar-se no enunciado (são índices *eu, aqui, agora*). Esse contexto mais amplo é uma carta? Um diálogo ordinário? Um depoimento? Um simples devaneio?

O tempo de referência é o passado? O presente? Ou o futuro? Parece que *regretter* evoca uma ligação bastante forte com o passado, com a memória, que se inclui no presente da enunciação; *regretter* parece dizer algo sobre os efeitos do passado no presente do sujeito da enunciação, e isso até mesmo quando usamos o futuro, como em *Demain tu regretteras ce que tu as fait* [Amanhã, tu lamentarás aquilo que tu fez], ou em *Quand tu auras compris tu regretteras* [Quando tu tiveres compreendido, tu lamentarás], em que o enunciado está situado num futuro que pressupõe um passado realizado ou em que a realização já está imaginada.

Além disso, o enunciado que contém *regretter* tem uma relação muito singular com a verdade informacional. Por exemplo, em *Il regrette que Pierre soit venu* [Ele lamenta que Pierre tenha vindo], é porque “a vinda de Pedro” é verdadeira que o emprego de *regretter* é possível; o interlocutor naturalmente aceita “a vinda de Pedro”, aliás ele nem se pergunta sobre a verdade dessa “vinda”. Assim, a modalidade de *regretter* afeta um conteúdo considerado geralmente como conhecido, quer dizer, a informação escapa à questão da verdade.

A partir da consideração a esses elementos, Normand (2002, p. 56) arrisca uma nova hipótese:

regretter seria, em uma situação e um comportamento “ordinários”, uma das maneiras pela qual a língua permite dizer a ligação do desejo e da falta. Quando eu digo *je regrette*, eu reconheço o impossível da satisfação e eu o coloco na conta do tempo irremediavelmente passado. Este dizer não me engaja em nenhum ato, motivo pelo qual as pessoas de ação dizem que os lamentos são “vãos”. *Regretter* é saber obscuramente que o desejo comporta a falta e se dar, sem risco, uma satisfação, a do dizê-lo ou escrevê-lo.

Como podemos ver, não se trata aqui, então, apenas de uma descrição linguística *stricto sensu*, mas de um “ouvido” que escuta, com atenção à particularidade gramatical da língua, o equívoco de uma fala.

Voltando à conferência de abertura do Colóquio, Normand a conclui de uma maneira que vale a pena retomar na íntegra:

Nesse tipo de escuta em que o ouvido analítico e o ouvido linguístico se reforçam mutuamente, percebemos que o sujeito da enunciação, longe de se limitar a uma categoria de unidades linguísticas cujo papel e lugar seriam bem identificados (os famosos *shifters*) pode aparecer e multiplicar os significados em qualquer lugar, onde você menos esperaria; o que Benveniste previu, creio eu, quando distinguiu o **semântico** do **semiótico**, mas sem aceitar todas as consequências dessa descoberta perturbadora (NORMAND, 1998, p. 29, grifos da autora).

É surpreendente a sua conclusão! É uma outra linguística que se abre para o linguista; “fora da ciência pesada, como fantasma de uma teoria acabada, e fora da palavra-mestra explicativa” (NORMAND, 1998, p. 29). E é uma outra leitura de Benveniste que ela sugere, que segue ainda por ser mais bem avaliada em suas consequências.

Por fim, o que esse percurso detalhado pelo pensamento de Claudine Normand mostra?

Na interpretação que faço de sua reflexão, entendo que as relações entre linguística e psicanálise são deslocadas do campo disciplinar para um campo em que a prática do linguista é colocada em questão. Quer dizer, não se trata mais de ver o que uma disciplina pode dizer à outra – a história mostrou que esse diálogo é no mínimo conturbado –, mas de ver o que pode fazer o linguista em sua prática ao admitir a hipótese do inconsciente.

Não mais linguística e psicanálise, portanto; mas linguista e inconsciente. É sobre isso que trato a seguir.

De uma *análise* à outra

Em 2006, Claudine Normand publica um livro cujo tom confessional é instigante. Trata-se de *Allegro ma non troppo. Invitation à la linguistique*. Nele, encontra-se um lindo texto, provocativamente intitulado “D’une Analyse à l’autre”¹⁵ [De uma análise à outra], título esse que utilizo acima também. O leitor já deve ter percebido o encaminhamento aqui: ele fica evidente no equívoco da palavra “análise”. Seguiremos de perto, como fizemos antes, o pensamento de Claudine Normand.

¹⁵ Cf. NORMAND, C. “D’une Analyse à l’autre”. In : _____. *Allegro ma non troppo. Invitation à la linguistique*. Paris : OPHRYS, 2006.

Esse texto resulta do atendimento a um convite feito à grande linguista para que participasse, mais uma vez, de um encontro sobre as relações entre linguística e psicanálise¹⁶. O mote para fazer sua intervenção, desta vez, foi a lembrança de que ela teria dito – por ocasião do *Colloque international de Cerisy-La Salle* e repetido na introdução de *Bouts, brins, bribes. Petite grammaire du quotidien* – que as análises reunidas na *Petite grammaire* não teriam sido possíveis se ela mesma não tivesse “feito uma psicanálise”, quer dizer, se ela não tivesse a experiência de “se analisar”. Mostrar os efeitos disso no fazer do linguista é sua empreitada nesse texto, que supõe a passagem “de uma análise à outra”. Explica ela a respeito de sua elaboração:

Para que essa tentativa tivesse algum interesse para outros e não apenas para mim, seria necessário poder mostrar que, entre a experiência singular de uma cura (cujo discurso, enquanto tal, diz respeito apenas ao analisando e, eventualmente, ao analista) e a prática dos linguistas, o que eles podem dizer e escrever de seu objeto, que entre essas duas experiências, pode haver uma relação outra que não seja totalmente singular. Eu faço a hipótese de que essa relação existe, que ela é em algum grau generalizável ao conjunto dos linguistas (cuja extensão eu ignoro) que passaram por essa experiência e que, como tal, pode interessar a outros (NORMAND, 2006, p. 113-114).

Nessa perspectiva, Normand identificou fatores que considerou invariáveis, que entram em jogo na prática do linguista, “mas que adquirem uma importância particular quando associados a acontecimentos vividos no contexto de uma psicanálise” (NORMAND, 2006, p. 114). Ela fala em cinco fatores – sem que um esteja ordenado em relação ao outro: o deslocamento (*le déplacement*), o tempo (*le temps*), a escrita (*l'écriture*), o terceiro ouvido (*la troisième oreille*), a não-mestria (*la non-maîtrise*).

O deslocamento. Para Normand, ele é de diferentes ordens e tem diferentes alcances – embora ela sempre o tome no sentido freudiano de “deslocamento de investimento”. É o deslocamento em direção à literatura, à filosofia (essencial ao linguista) e desses sobre a língua (em si e em suas formas).

O tempo. Trata-se do tempo de mudança mesmo sem se dar conta imediata dela; é o que Freud chamaria de perlaboração, “processo pelo qual a análise integra uma interpretação e supera as resistências que ela suscita. Seria uma espécie de trabalho psíquico que permitiria ao sujeito aceitar certos elementos recalçados e libertar-se da influência dos mecanismos repetitivos” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 339). É o tempo do trabalho de questionamento da língua das mais diferentes maneiras.

¹⁶ Cf. Journée *Conscila*, 23.05.2003, “L'intérêt de la psychanalyse pour les sciences du langage”. O convite fora feito por Dominique Ducard.

A escrita. O efeito do tempo sobre a escrita é certo, segundo Normand. O questionamento em torno da metalinguagem e mesmo da própria língua.

O terceiro ouvido. A escuta que aparece nas análises luminosas que Normand faz nos textos que compõem a *Petite grammaire du quotidien*: “eu os [os textos] vejo como pequenos efeitos inocentes e benéficos da psicanálise, na medida em que ela me ensinou a me servir de meu terceiro ouvido (inclusive em meus próprios enunciados) e me autorizou, a longo prazo, a reconhecer o que eu queria fazer” (NORMAND, 2006, p. 118).

Por fim, a não-mestria: “aceitar que a jornada incerta e obstinada das palavras e do acaso, em última análise, fazem uma vida” (NORMAND, 2006, p. 120).

Enfim, da “análise” feita na trajetória de “uma psicanálise” o linguista pode chegar a “uma análise” – que até podemos chamar de “linguística” – no mínimo diferente da que aprendemos nos exercícios repetidos ao longo dos cursos de linguística e dos manuais. Essa outra linguística Normand chama de *linguistique douce* [linguística suave], um método que rejeita o dogma e dá lugar a uma abordagem da enunciação e do sujeito da enunciação.

Em 2001, em um texto sobre Saussure, Normand assim se manifesta a propósito de seu caminho como linguista:

No trajeto (ideal?) que Antoine Culioli atribui ao linguista, passar “do empírico ao formal”, eu me detenho numa primeira determinação do que ele mostra melhor do que ninguém e que chama “o brilho da diversidade”; deixo a outros a etapa do “trabalho teórico que vai fundar e construir o formal”, o que era, evidentemente, o desejo de Benveniste e de Saussure. É aqui, neste propósito (nesta ilusão?) que me separo deles (NORMAND, 2009, p. 109).

A passagem acima não deixa dúvidas: do contraste com os três grandes linguistas – Saussure, Benveniste e Culioli – Normand (2006, p. 239) delimita a sua “*une linguistique douce*”, uma prática “inofensiva sem que seja inteiramente ineficaz”. É assim que vejo a passagem de uma análise à outra e seus efeitos no fazer do linguista. Importa entender, ainda, que “Claudine Normand trabalha *com* psicanálise, não *como* psicanalista. Ela permanece no campo que é seu, a linguística, para articulá-la com a da psicanálise ou outras disciplinas a ela relacionadas, como a filosofia analítica ou as neurociências” (SIMONNEY, 2011, p. 147)

Enfim, o que fizemos aqui foi trazer à tona parte de seu pensamento. No entanto, sabemos dos riscos que corremos ao fazer isso. Não é fácil condensar um pensamento tão complexo e de tanta riqueza; certamente, fomos insuficientes. Cientes de nossos limites, ocorreu-nos reproduzir aqui as palavras de Charles Bally e Albert Sechehaye (1975: 4), proferidas por ocasião do prefácio que fazem à primeira edição do *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure,

Sentimos toda a responsabilidade que assumimos perante a crítica, perante o próprio autor, que não teria talvez autorizado a publicação destas páginas. Aceitamos integralmente semelhante responsabilidade e queremos ser os únicos a carregá-la. Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes? Ficar-lhe-íamos gratos se dirigisse contra nós os golpes com que seria injusto oprimir uma memória que nos é querida.

Essas palavras traduzem integralmente o nosso sentimento em relação à apresentação que fizemos.

Dos efeitos

Como disse no início deste texto, eu tive a oportunidade de estudar sob a orientação de Claudine Normand por um relativo período de tempo. Do contato com sua obra – que eu já conhecia há muito tempo -, mas principalmente em decorrência de sua orientação, produzi um estudo que funciona, para mim, como uma espécie de ponto de chegada¹⁷ em torno da temática “linguística e psicanálise”¹⁸. Nele, eu ensaio a ideia de que não se trata mais de pensar a linguística e a psicanálise em termos disciplinares, comparando objetos, metalinguagens, termos, conceitos etc., mas de lidar no cotidiano do fazer do linguista com o fato de que há inconsciente, o que, em minha opinião, leva a pensar que a análise linguística de um linguista que tenha a experiência do inconsciente, que tenha “feito análise”, é necessariamente uma análise linguística que, de alguma maneira, deixa entrever algo de muito singular. Como se pode ver, levei muito a sério a ideia de Normand “de uma análise à outra”.

Como se sabe, fala-se em um retorno de Lacan a Freud pautado pela linguística oriunda de Saussure¹⁹. Nesse trabalho escrito sob a orientação de Normand, eu me propus a reler a linguística – a de Benveniste, sem dúvida, mas não apenas – a partir da admissão da hipótese do inconsciente. Ora, a psicanálise, na perspectiva de Lacan, mobiliza a noção de inconsciente de forma a torná-lo um saber que é irreduzível à transmissão integral; o acesso, sempre parcial, a esse saber se dá via trabalho analítico. Sem a experiência analítica, nada há que se possa dizer do inconsciente. E a linguística, como se sabe, é bastante distante da experiência analítica.

¹⁷ Falo em “ponto de chegada” porque, antes de trabalhar com Claudine Normand, eu já havia publicado alguns artigos sobre o tema, um livro autoral (cf. FLORES, 1999) e a organização de um livro, este mais voltado ao estudo da psicose (Cf. SCHAFFER; FLORES, BARBISAN (orgs.), 2002).

¹⁸ Trata-se do texto “Sujet de l’*énonciation* et *ébauche* d’une réflexion sur la singularité *énonciative*”, publicado no livro *Espaces théoriques du langage. Des parallèles flous*, organizado por Claudine Normand e Estanislao Sofia (cf. *Referências*).

¹⁹ Cf. LACAN, J. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”

Isso levou-me a algumas conclusões determinantes para o entendimento do que viria a se dar com o meu trabalho de linguista: não há como simplesmente retirar alguns conceitos da psicanálise e aplicá-los à análise da linguagem fora da instância clínica; não há como se alcançar o saber do inconsciente com simples análises metódicas da linguagem. A psicanálise não é articulável à linguística, ao menos não como um saber positivo. Também não se trata de somar a psicanálise à linguística. Uma interpretação conteudística do inconsciente seria própria a uma semântica condenada ao descrédito. Nada autorizar a ver na linguística uma metodologia qualquer que, descolada da cena transferencial da clínica psicanalítica, produzisse uma ingênua correspondência entre as categorias da língua e a história do sujeito, clivado que é. Meu ponto de vista, portanto, sobre a relação entre os dois campos é o de resguardar não uma unidade, mas uma forma de *implicação*.

E como vejo essa implicação?²⁰ A partir de uma ideia fundamental de Lacan. Em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan, reconhecendo a estrutura da linguagem no inconsciente, diz que:

Podemos tentar aqui, numa preocupação de método, partir da definição estritamente linguística do [Eu]²¹ como significante: onde ele não é nada além do *shifter* ou indicativo que, no sujeito do enunciado, designa o sujeito enquanto ele fala naquele momento. **O que quer dizer que designa o sujeito da enunciação, mas não o significa.** É o que se evidencia pelo fato de que todo significante do sujeito da enunciação pode faltar no enunciado, além de haver os que diferem do [Eu]²², e não apenas no que é insuficientemente chamado de casos da primeira pessoa do singular, se lhe acrescentarmos seu alojamento na invocação plural e até no *Si* da autossugestão (Lacan, 1998, p. 814, grifamos).

O que se pode entender da afirmação de Lacan, segundo a qual o Eu (*Je*) “designa o sujeito da enunciação, mas não o significa”? Minha pergunta ganha um pouco em relevância se lembramos que, em linguística, significação e designação coincidem: significar é designar.

Guardadas as devidas diferenças, e sem querer fazer equivalências que facilmente passariam por grosseiras, acredito que essa afirmação de Lacan, feita no campo da psicanálise, segundo a qual o *shifter* “designa o sujeito da enunciação, mas não o significa”, não se opõe ao que diz Claudine Normand, no campo da linguística, quando considera que o sujeito da enunciação está “longe de se limitar a uma categoria de unidades linguísticas cujo papel e lugar seriam bem identificados (os famosos *shifters*)” (NORMAND, 1998, p. 29).

²⁰ Eu desenvolvo longamente essa ideia em Flores (2012). Aqui, trata-se apenas de fazer alusão ao que lá está mais detalhado.

²¹ *Je*, no original.

²² *Je*, no original.

Sem dúvida, pode-se argumentar que o “longe de se limitar” utilizado por Normand não é da mesma natureza que o “não o significa” de Lacan, no que estou de acordo. De minha parte, estou apenas assinalando que não acredito existir antinomia entre as duas considerações. Voltarei a isso, a seguir.

O fato é que não deixa de chamar a atenção que Lacan coloque em suspenso um princípio da análise linguística. Quer dizer: em linguística, o *shifter* designa aquele que fala e essa é a sua significação; há, em linguística, uma *conjunção* entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Lacan, ao não fazer coincidir no *shifter* o *designar* e o *significar* propõe, exatamente, que sujeito da enunciação e sujeito do enunciado estejam em *disjunção*. Ora, essa *disjunção* (uma clivagem, diríamos em jargão psicanalítico) suposta por Lacan entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação é estranha aos olhos de um linguista, que opera apenas com a instância (imaginária) da análise da imanência das formas.

Para Lacan o Eu (*Je*), como marca que é, não une sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, ele apenas *designa* o sujeito da enunciação cujo sentido, por sua vez, está em outro lugar; está no que Lacan denomina, em “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise estrutura da personalidade’”, “o lugar em que o sujeito está implícito no puro discurso” (LACAN, 1998, p. 670).

Tomemos um exemplo retirado do próprio Lacan, em um relato feito sobre o delírio paranoico de uma moça cujo caso ficou conhecido pela frase “*eu venho do salsicheiro*” que a paciente evoca. Diz Lacan no *Seminário 3, As psicoses*:

Ela (...) me confiou que um dia, no corredor, no momento em que saía da sua casa, tinha tido de se haver com uma espécie de mal educado (...) desprezível homem casado que era o amante regular de uma de suas vizinhas de hábitos levianos. Quando se cruzaram, esse homem (...) lhe tinha dito um palavrão, um palavrão que ela não estava disposta a me repetir, porque, como ela se exprimia, isso a depreciava. Contudo, (...) após cinco minutos de entrevista, num bom entendimento, (...) ela me confessa [que] ela própria tinha dito alguma coisa ao passar. Essa coisa ela me confessa mais facilmente do que o que ouviu, e é isto: *eu venho do salsicheiro*. (...) então ela se solta, que foi que ele disse? Ele disse – *Porca*. (Lacan, 1988, p. 59-60); **Quem será que fala?** Já que há alucinação, é a realidade que fala. (...). Não há ambiguidades nisso, ela não diz: *Eu tive o sentimento de que ele me respondeu: - Porca*; ela diz: *Eu disse: - Eu venho do salsicheiro, e ele me disse: - Porca*. (Lacan, 1988, p. 62) [grifos meus].

Lacan opera claramente aqui com a *disjunção* entre *significar* e *designar*: a frase *Eu venho do salsicheiro* evoca uma referência a *Porco*, também presente na palavra delirante *Porca*. O que Lacan precisa é que o Eu (*Je*) usado pela paciente até pode designá-la, mas não a significa. A significação reside em outro lugar: reside na alusão que ela faz à palavra delirante *Porca*.

Ora, quando Lacan diz que o *shifter* “designa o sujeito da enunciação, mas não o significa”, somos levados a ver que o sujeito da enunciação está *longe de se limitar* (como diz Normand) à mera categoria do *shifter*. A *disjunção* suposta por Lacan é a sua resposta à pergunta “*Quem será que fala?*”.

Mas o que o linguista pode fazer com essa ideia de *disjunção*? Com certeza, não se trata mais de articular nada a coisa nenhuma, mas de admitir que a linguística sempre poderia ser outra e que o próprio gesto de optar por esta ou aquela metodologia de análise já diz algo de quem analisa, o linguista. É isso que resumo na fórmula: o linguista e o inconsciente, e não mais a linguística e a psicanálise.

Talvez seja isso que indique Jean-Claude Milner ao intitular o sexto capítulo de seu *O amor da língua* de “Um linguista desejanter”. Talvez seja isso também que o mesmo Milner queira trazer à tona ao indagar, no capítulo intitulado “Do linguista”, “até aqui a abordagem privilegiada esteve do lado da linguística (...). Em contrapartida, permanece em aberto uma questão - e nada permite articulá-la, a não ser a existência do discurso analítico -: o que dizer do linguista?” (Milner, 2012, p. 109). Talvez se trate de uma advertência ao linguista a consideração de Milner (2012, p. 114-115) de que

o sujeito da enunciação: temos aqui, numa primeira leitura, um conceito positivo da linguística, que, para fins de pura descrição, deve distingui-lo do sujeito do enunciado. No mais raso dos fenômenos, ainda que fosse apenas para pensar a possibilidade do *eu [je]*, é preciso admitir que todo enunciado pode ser relacionado a um ponto do qual nada se supõe, exceto que ele enuncia. Mas um conceito assim se oferece imediatamente a uma outra leitura: o ponto ao qual o enunciado está relacionado é, simultaneamente, admitido como um sujeito, e resta a possibilidade de que ele subjetive o enunciado de uma maneira que escapa à representação.

Esse “ponto cego” da análise, no sentido de uma área fora do campo de visão daquele que dirige, eu apenas consegui designá-lo muito recentemente (cf. FLORES, 2019). Chamei-o de *Homo loquens*. Para mim, o *Homo loquens* é o excedente que, se não encontra meios de retornar pelos objetos que as linguísticas configuram, ao menos encontra algum acolhimento na escuta do linguista.

Há efeitos, portanto, em admitir o *Homo loquens* como um saber do linguista e o principal dele, para mim, é que o linguista admita que há algo que excede o saber que a linguística configura e que esse saber diz a respeito da natureza *loquens* do homem. Essa é a minha linguística, tocada que é pela psicanálise, que espero tenha algum poder questionador, que seja uma prática *inofensiva sem que seja inteiramente ineficaz*.

Referências

- 14 – Conexão Letras, Porto Alegre, v. 18, n. 29, p. 01 - 15, jan-jul. 2023. E-ISSN 2594-8962.
DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.131246>

- BALLY, C.; SECHEHAYE, A. “Prefácio à primeira edição”. In: SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 1975.
- FLORES, V. do N. “Sujet de l’énonciation et ébauche d’une réflexion sur la singularité énonciative”. In: NORMAND, C; SOFIA, E. (orgs.). *Espaces théoriques du langage. Des parallèles floues*. Louvain-La-Neuve: L’Harmattan, Bélgica, 2012.
- FLORES, V. do N. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- FLORES, V. *Linguística e psicanálise*. Princípios de uma semântica da enunciação. Porto Alegre: EDIPUCR, 1999.
- HAROCHE, C; HENRY, P; PÊCHEUX, M. “La sémantique et la coupure saussurienne; langue, langage, discours”. In: *Langages*. nº 24, 1971.
- KRISTEVA, J. “Du sujet en linguistique”. In: *Langages*. nº 24, 1971.
- KRISTEVA, J; RUDELIC-FERNANDEZ, D. “Psicanálise e linguística”. In: KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- LACAN, J. *O seminário - livro 3 As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LACAN, J. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MILNER, J-C. *O amor da língua*. Tradução e notas de Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NORMAND, C. “Alguns efeitos da teoria saussuriana sobre uma descrição semântica”. In: NORMAND, C. *Convite à linguística*. Organização de textos e tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- NORMAND, C. “Linguistique et/ou psychanalyse: de leur relation si elle existe”. In: NORMAND, C. e ARRIVÉ, M. (org.). *Linguistique et psychanalyse. Colloque international de Cerisy-La Salle*. Paris: Press Éditions, 2002.
- NORMAND, C. *Allegro ma non troppo: invitation à la linguistique*. Paris: Ophrys, 2006.
- NORMAND, C. *Bouts, brins, bribes. Petite grammaire du quotidien*. Paris: Le Pli, 2002.
- NORMAND, C. *Petite grammaire du quotidien. Paradoxe de la langue ordinaire*. Paris: Hermann, 2010.
- RASTIER, F. “Le problème du contexte et le statu de l’interprétation dans les sciences du langage”. In: *Langages*. nº 129, 1998.
- ROMERO, M.; FLORES, V do N. “Le linguiste et l’invention du Langage”. In *LINX - Claudine Normand, une vie dans le langage*. Press Universitaire de Paris Nanterre: Nanterre, nº 25, 2017.
- SCHAFFER, M.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B (orgs.). *Aventuras do sentido. Psicanálise e linguística*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SIMONNEY Dominique, « Claudine Normand, Petite grammaire du quotidien. Paradoxe de la langue ordinaire », *Essaim*, 2011/2 (nº 27), p. 147-153. DOI: 10.3917/ess.027.0147. URL : <https://www.cairn.info/revue-essaim-2011-2-page-147.htm>

Recebido em: 29/03/2023; **Aceito em:** 10/08/2023.